

Entre treinadoras e atletas, sexualidade e geração em times de formação no futebol praticado por mulheres.¹

Débora Cajé Yamamoto

Universidade de São Paulo (USP) - SP.

O presente trabalho busca discutir acerca da formação de atletas para o futebol de mulheres. Dessa forma, através de uma etnografia realizada com duas treinadoras das categorias sub 15 e sub 17, pretendo demonstrar como tem se constituído o “ser jogadora”. O *Em Busca do Impossível (EBI)* surgiu em 2016 com a proposta de desenvolver o futebol feminino. No CT do EBI acompanho o trabalho das duas treinadoras, Marília e Bruna, ex-jogadoras de futebol, com as categorias sub 15 e sub 17, respectivamente. Tanto Marília quanto Bruna vivem suas relações afetivas de forma discreta, privada, evitando falar sobre o assunto e buscando manter suas vidas pessoais em sigilo, sem que as atletas saibam, ao menos oficialmente. Em contrapartida, as atletas, de 13 a 17 anos, vivenciam a sexualidade de forma mais aberta, falam sobre e andam de mãos dadas com as companheiras o que, em determinados momentos, causa atrito com as treinadoras que defendem que aquele espaço (CT) não é ambiente para esse tipo de comportamento. Assim, pretendo, articular essas duas gerações, a primeira, das treinadoras e a segunda, das atletas, buscando argumentar como as mudanças no entendimento da sexualidade impactaram também as formas como se entende o ser jogadora de futebol nos dias de hoje, permitindo com que esses corpos transitem entre normas de feminilidades e masculinidades aceitas nesse contexto.

Palavras-Chave: Antropologia das práticas esportivas, Gênero, Futebol de Mulheres.

Introdução

O *Em Busca do Impossível (EBI)*² é uma instituição social que atua, desde 2016, na formação de atletas para o *futebol feminino*. Inicialmente, a instituição contava apenas com equipes voltadas ao ensino do esporte. Uma das fundadoras conta que, no começo, o *projeto social* tinha como objetivo “desenvolver meninas através do futebol” e atendia,

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

² Nesse trabalho optei pelo uso de nome fictícios para a instituição e para minhas interlocutoras, buscando preservar o anonimato delas.

majoritariamente, meninas que moravam em comunidades próximas ao local e em situações sociais mais vulneráveis. Com o passar do tempo, a alta demanda por vagas e o bom nível técnico apresentado pelas meninas, fez com que surgissem turmas específicas com o objetivo de formar atletas para o futebol de mulheres. Essas equipes chegaram a receber um nome diferente das outras, e as chamarei aqui de sub 14 e sub 17. Essas turmas, me explicava uma das treinadoras, eram diferentes das outras com relação a *competitividade*. Nas turmas em que o futebol era apenas para aprendizado e para a prática de atividade física, elas se desenvolviam através do esporte, não havendo muitas exigências, com treinos apenas duas vezes na semana. Já as turmas voltadas a formação esportiva, eram as que tinham uma *vivência competitiva*, com treinos quatro dias na semana, jogos aos finais de semana e preparação física. O Objetivo, segundo ela, era que essas meninas aprendessem a lidar com a *pressão de jogo* e estivessem aptas para, futuramente, estarem nas equipes de *alto rendimento* de clubes. Vale dizer que, por alto rendimento, as treinadoras se referem a equipes em que os treinamentos são mais intensos, onde há uma rotina de jogos, alimentação e, principalmente, um nível de competitividade que faz com que o esporte exija mais das atletas fisicamente e emocionalmente³.

Dessa forma, ao longo dos anos, o EBI estabeleceu parcerias com clubes paulistas para disputarem campeonatos da federação. Em 2018, um clube tradicional de São Paulo acordou com a instituição que manteria o uso do espaço por alguns anos e, em troca, auxiliaria no desenvolvimento do EBI, disputando campeonatos de forma conjunta. Essa parceria durou até 2023, quando o EBI optou pela não renovação do contrato. Ao perguntar os motivos que levaram ao rompimento do acordo, as treinadoras me contaram que a renovação ocorreu devido à falta de apoio financeiro que o clube dava a instituição, tornando a parceria benéfica apenas para eles que usufruíam das atletas em jogos específicos e não ofereciam nada em troca. Apesar da saída do clube, o EBI manteve suas equipes voltadas à formação de atletas que disputam campeonatos voltados a categoria de base, sub 14 e sub 17, treinados por Marília e Bruna, respectivamente. Ao longo da minha pesquisa, acompanhei essas duas equipes procurando entender como se dá a formação de uma atleta profissional, a partir de uma etnografia junto a essas treinadoras que são ex-atletas de futebol, Marília e Bruna jogaram profissionalmente durante os anos 1990 a 2020.

³ A ideia de uma *vivência competitiva*, elemento que segundo as treinadoras é o que diferencia as turmas que objetivam aprender o futebol das que competem jogando futebol, é o principal argumento para a separação e divisão das turmas. Essa vivência, para além de uma rotina de treinos e jogos diferente, possui uma exigência emocional que tem sido um tema importante para a minha pesquisa de mestrado, mas que não será tratada nesse trabalho.

Marília é uma mulher de família nordestina que veio para São Paulo em busca de oportunidades de emprego. Ela conta que sua família viajou na carona de um caminhão e que seu contato com esporte foi inicialmente com vôlei e handebol, através da prefeitura da cidade de São Paulo. Certa vez, após um de seus treinos de vôlei, haveria um jogo de futsal feminino e ela acabou ficando para assistir, foi quando o treinador da equipe a convidou para participar de uma atividade que ocorreria no final de semana. Ela conta que já tinha 23 anos na época, mas que mesmo assim foi, participou e depois disso não largou mais o futebol. No primeiro momento, ela jogou em times de várzeas de São Paulo e depois, já com 30 anos, recebeu um convite para jogar em grandes clubes de São Paulo, mas a falta de estrutura e a pouca remuneração faziam com que ela tivesse que conciliar sua carreira com um outro trabalho para arcar com seus custos. Ela conta que muitas vezes chegou a ter que dividir o prato de comida com as colegas e que pulava a catraca na Barra Funda para chegar ao Centro de Treinamento, porque não tinha dinheiro para passagem. Em um dado momento, teve que escolher entre o trabalho ou o futebol, pois a rotina estava cansativa. Foi quando resolveu continuar jogando, decisão que ela diz não ter sido fácil e que contou com pouco apoio da família. Marília parou o futebol com 37 anos e em 2018 recebeu o convite, de sua ex treinadora, para trabalhar no EBI.

Bruna tem uma história parecida. Sua família mora em uma cidade no litoral de São Paulo. Quando completou 18 anos, ela resolveu morar em São Paulo, buscando maiores oportunidades com o futebol e estudos. Inicialmente, começou atuando no futsal, onde se destacou jogando campeonatos estaduais e federais. Bruna também jogou futebol de campo em alguns clubes e, na época, recebia uma bolsa de estudos universitária, e pode cursar a faculdade de educação física. Ela conta que apesar da ajuda que o clube oferecia com bolsa de estudos, ela ainda precisava trabalhar e arrumar uma forma de ganhar dinheiro. Era comum, naquela época, que times de várzea oferecessem dinheiro para que atletas profissionais disputassem alguns jogos, porém essa prática era proibida pelos clubes. Bruna conta que uma vez precisava muito de dinheiro e acabou aceitando uma dessas propostas; a diretoria do clube em que ela jogava acabou sabendo, o que fez com que fosse dispensada e não conseguisse mais jogar futebol profissionalmente. Após isso, ela decidiu trabalhar como treinadora, momento que ela conhece o EBI.

Tanto Marília quanto Bruna partilham de um momento em que o futebol feminino era marcado pela falta de estrutura, investimento e, principalmente, pelo preconceito. Em muitas de nossas conversas, elas dizem que no período em que jogaram ouviram muitas coisas negativas, como o futebol ser era um lugar para elas e, com isso, foram criando uma certa

*casca*⁴ para continuarem jogando. Ainda, elas contam que naquele contexto havia muito preconceito quanto a sexualidade das atletas. Marília é mais discreta quanto a isso, no EBI, não gosta de falar sobre sua vida pessoal. Sabe-se que ela tem um relacionamento de longa data, mas ela prefere manter os detalhes de forma mais privada, evitando que as pessoas saibam muito sobre relacionamento. Bruna vive há anos com sua companheira, que conheceu quando jogou futebol. Por muito tempo, deixou isso escondido e prefere não comentar sobre o seu relacionamento em público. Certa vez, Bruna chegou a dizer que acredita que hoje não tem mais homofobia, sobretudo quando compara sua adolescência com a de suas atletas, ela diz: “a gente tinha que ter uma postura”. Para ela, andar de mãos dadas ou beijar em público, era algo que não se fazia, cenário que se vê com certa frequência entre as atletas do EBI.

Dessa forma, a partir desse contexto, viso articular essas duas gerações, a primeira, das treinadoras e a segunda, das atletas, buscando argumentar como as mudanças no entendimento da sexualidade (CARRARA, 2015) atravessam as formas com que se entende o ser jogadora de futebol nos dias de hoje. Por “geração”, compreendo a “reunião de condições subjetivas que permitam a participação do indivíduo na produção dos mesmos códigos de entendimento” (MORAES ALVES, 2009: 7), ou seja, contextos históricos e sociais que atravessam e produzem a experiência social de determinados grupos (SIMÕES, 2018). Aqueles que pertencem a uma mesma geração, por assim dizer, são os que compartilham de um determinado processo histórico ou social e que acabam por desenvolver uma forma específica de experienciar o mundo (MANNHEIM, 1982). Tanto Marília quanto Bruna viveram um momento do futebol feminino que foi fortemente marcado pelo estigma da homossexualidade (PISANI, 2018), o que parece ter feito com elas construíssem outra relação com a sexualidade e com o próprio futebol. Já a geração de suas atletas, vive um momento em que o debate sobre sexualidade passou por disputas, resultando em uma outra relação com a sexualidade. Isso posto, um novo momento parece tensionar os padrões de feminilidades e masculinidades dentro do futebol, resultando em corpos que transitam entre uma coisa e outra.

Tem que se preservar. Sexualidade e geração em times de formação no futebol praticado por mulheres.

Em 1941 o decreto de lei que proibia mulheres de realizarem determinadas práticas esportivas como futebol, rúgbi ou lutas, por uma suposta inaptidão do corpo com útero, fez

⁴ Utilizarei itálico para categorias nativas, buscando preservar o sentido atribuído a elas por minhas interlocutoras.

com que esses corpos buscassem formas alternativas de realizar uma determinada prática. Como aponta Giovanna C. Silva (2015), ao longo da história, foi comum ver mulheres praticando futebol de forma ilegal, produzindo formas de resistência e luta (SILVA, 2015). Em 1979, com o fim dessa proibição, esses corpos retomam a prática, mas é somente em 1983 que o futebol feminino é regulamentado. A proibição e a regulamentação tardia, dificultaram o processo de profissionalização da modalidade (ALMEIDA, 2018), que contou, ainda, com disputas no campo biomédico que visavam a manutenção de uma determinada feminilidade no esporte de alto rendimento (PIRES, 2020).

Ao longo da minha pesquisa, acompanhei diariamente o cotidiano de treinadoras nas categorias de formação do futebol feminino e, conseqüentemente, observei como era a rotina de uma atleta de formação. Devido à pouca idade, contam as preparadoras físicas, a carga de treino dessas meninas é menor que a de atletas profissionais, e em média devem treinar entre dez a vinte horas semanais em horários que não atrapalhem os estudos. As atletas de equipes de formação devem estar regularmente matriculadas em escolas de ensino fundamental ou médio e não podem receber nenhum tipo de salário, apenas ajuda de custo caso necessário. No caso do EBI, algumas atletas só recebiam ajuda de custo para o transporte público.

Se no esporte, o corpo é visto, sobretudo, como uma matéria, um dado biológico moldável e manipulável, há, ainda, que considerá-lo enquanto um produto da cultura e das tecnologias (CAMARGO e KESSLER, 2017). Em paralelo aos treinos e a forma com que se constituía uma jogadora de futebol dentro de campo, notei como as atletas se vestiam de modo parecido e singular - camiseta larga, bermuda, meia de cano alto, tênis, cabelos soltos, em sua maioria liso ou alisado, compridos e um boné -, ouviam músicas similares, especialmente *funk* e *trap*, assim como eram cobradas de ter uma *postura de atleta*. Observei que a forma com que se vestem e as músicas que ouvem são partilhadas também por jogadores do futebol masculino. Dessa forma, nem sempre as atletas performavam uma feminilidade estritamente feminina. Isto é, utilizavam roupas largas, bonés, roupas que tradicionalmente são consideradas como masculinas. Jack Halberstam (1998) propõe a ideia de uma masculinidade feminina, isto é, a masculinidade não deve ser pensada apenas nos corpos daqueles considerados homens. Na verdade, parte de seu argumento está em dizer que a masculinidade depende da subordinação de outras masculinidades, inclusive aquelas que não estão vinculadas aos corpos dos homens, e que são enquadradas como restos rejeitados dessa masculinidade dominante (HALBERSTAM, 1998). Nesse sentido, muitas dessas garotas exibiam atos performativos (BUTLER, 2015), jeito de andar, falar, estilos musicais, roupas e cortes de cabelo que

configuram esse sujeito futebolístico que muitas vezes está atrelado ao corpo do homem cis, heterossexual.

Ainda, o futebol no Brasil é marcado por um arbitrário cultural que o torna local de homosociabilidade masculina, onde meninos aprendem a serem homens (DAMO, 2005). Simoni L. Guedes (2009) afirma que esse esporte é visto como parte da socialização primária para os meninos em que, na própria dinâmica do esporte, no confronto entre os corpos, se aprende uma maneira de ser homem. Eliene Lopes Faria (2009) argumenta que o futebol é um espaço em que há uma maioria de homens, para além da sua prática, em cargos diretores ou de jornalistas esportivos. Esse esporte exalta atitudes tidas socialmente masculinas como empurrões, força e agressividade, em sua dinâmica ou estilo do que se considera um bom futebol de alta performance. Dessa forma, o futebol acaba produzindo uma série de exigências para as atletas em formação: de um lado, nota-se a necessidade de exibir performances corporais socialmente ligadas a virilidade, ao masculino, e de outro, impõe-se sobre esses corpos a manutenção da feminilidade, da submissão (CAMARGO e KESSLER, 2017).

No que diz respeito à sexualidade, pude notar como uma parcela significativa das atletas possuem relações homoafetivas, muitas vezes entre elas mesmas. Certa vez, ouvi de parte da comissão técnica a seguinte fala: “parece que é até estranho ser hétero aqui”. Nesse espaço, as garotas vivenciam suas relações afetivas de forma aberta. Lembro de notar alguns casais, ver meninas de mãos dadas ou ouvir algumas histórias de atletas que foram pegas no vestiário. Após um dia de treino, eu e Bruna acabamos ficando até mais tarde no CT organizando a documentação da equipe sub 17. Nesse dia, Bruna me ofereceu uma carona até a estação mais próxima, como uma forma de me ajudar a chegar a tempo para a aula, o que aceitei. Antes de irmos até o carro, os seguranças do CT vieram conversar com Bruna dizendo que duas atletas ainda estavam no vestiário e que elas precisavam ir para eles fecharem o espaço. Bruna, um pouco irritada, foi até a porta do vestiário e pediu que as meninas saíssem e fossem embora. Após alguns minutos, as garotas saíram rindo do vestiário, pediram desculpas a Bruna e foram embora.

Bruna, caminhando até o carro, balançava a cabeça em um gesto de não. Observando a situação, comentei sobre o caso com Bruna. Apesar de não ter certeza do que estava acontecendo naquele vestiário, supus, assim como os seguranças e Bruna, que se tratava de um casal. Bruna me disse que isso era muito comum no futebol e que, devido a idade das atletas, para ela, ali é ainda mais complicado pois algumas atletas *abusavam*. Perguntei a ela se na

época em que ela jogou não era assim e ela disse que tinham muitas meninas que se envolviam dentro do time, mas que era mais escondido porque elas se *preservavam*. Continuou dizendo que onde jogava tinha *homofobia de verdade*, o que para ela, não ocorre atualmente na cidade de São Paulo, ao menos nos espaços que frequenta, pois ela considera que as pessoas a respeitam. Apesar da sua afirmação em relação a homofobia, Bruna me contou histórias difíceis que vivenciou como treinadora. Dentre elas, em um dos campeonatos que sua equipe viajaria, a mãe de uma atleta não permitiu que a garota fosse junto porque havia descoberto que ela estava se envolvendo com outra garota do time. Além disso, nos dias que acompanhei as atletas, algumas chegaram a comentar sobre jogos que ouviram da torcida gritos homofóbicos.

Outra vez, a equipe de Marília teria um jogo fora de São Paulo. Como de costume, as atletas se apresentavam no CT e iam com o ônibus do EBI junto com a comissão. Na volta do jogo, algumas movimentações dentro do ônibus pareciam agitar as meninas que brincavam com supostos beijos entre duas atletas. Marília observou a situação e, assim que chegamos no CT, resolveu conversar com as garotas para que elas entendessem que ali “não era ambiente para isso”. Após a conversa, Marília veio até mim conversar sobre o assunto, e comentei com ela que, no futebol, relacionamento entre atletas do mesmo time parecia algo comum. Rapidamente, ela me respondeu dizendo que quase todas suas amigas são casadas com mulheres que jogaram juntas, mas, ainda que fosse comum, era preciso conversar com as duas atletas envolvidas para que elas compreendessem que aquele espaço não era para aquilo, que ali elas deveriam ter uma postura mais séria e evitar esse tipo de situação. Por envolver atletas novas, de quatorze anos, Marília dizia que naquele momento era preciso explicar às garotas que deveriam tratar o CT como um local de “trabalho” e que uma de suas preocupações estava no fato dos familiares das atletas descobrirem e isso gerar um problema para o EBI.

Cenas como essas descritas apareciam constantemente nos dias que acompanhei os trabalhos das treinadoras. Tanto Marília quanto Bruna falavam, em nossas conversas, que achavam importante que a vida pessoal fosse privada. Marília, por exemplo, não falava sobre sua vida afetiva, quando assunto surgia, ela comentava de suas colegas, do preconceito que vivenciou na época que jogava e do quanto isso era presente como uma preocupação. Muitas vezes, ela conta que quando você dizia que jogava futebol as pessoas já supunham que você era homossexual e a possibilidade das atletas assumirem seus relacionamentos com mulheres é algo recente, que na época não acontecia. Apesar disso, as duas treinadoras dizem achar bom que hoje as atletas conseguem vivenciar a sexualidade de uma forma mais tranquila, mas ressaltam o quanto consideram importante ensinar as meninas que, para ser uma atleta

profissional, é preciso ter *postura* e saber separar as coisas pois, os envolvimento afetivos não devem atrapalhar o time. Isso porque as relações amorosas que se formavam entre as atletas geravam desconfortos e intrigas entre elas. Certa vez, Marília estranhou o comportamento de algumas atletas que pareciam estar brigadas. Nesse dia, após o treino, ela foi conversar com uma das meninas e soube que um dos motivos da briga envolvia um término de relacionamento e que uma das garotas havia descoberto um suposto novo envolvimento de sua ex companheira. A situação gerou desconforto na menina e em suas colegas que optaram por excluir a outra, gerando uma certa tensão no espaço. Em momentos assim, a figura da treinadora apareceria como uma mediadora, ao menos com Marília que optava por se envolver nessas situações. Já Bruna dizia que preferia nem saber dos casos e problemas, para ela o seu trabalho estaria restrito ao campo e futebol.

Bruna, por exemplo, vive há anos com sua companheira, mas não é assumida para todos. As duas se conheceram quando foram companheiras de time, logo quando Bruna se mudou para São Paulo. Ela conta que desde então ficaram juntas, terminaram e voltaram algumas vezes, mas diz saber que sua companheira é o amor de sua vida. Atualmente, sua companheira também trabalha com futebol, como treinadora. No início, Bruna falava muito pouco sobre seu relacionamento, demorou alguns meses para que ela me contasse. No último ano, notei que ela passou a utilizar mais as redes sociais com imagens das duas juntas e refere a sua companheira como namorada ou esposa, tornando a relação mais pública. O lugar do relacionamento de quase doze anos de Bruna, privado, quase que escondido, era comum naquele momento, em que Bruna jogou profissionalmente. Mariane Pisani (2018) demonstra em sua etnografia uma certa dificuldade em tratar do tema com as jogadoras da época. A autora conta episódios em que o estigma estava ainda muito associado a essas relações e que afirmar a exigência de relacionamentos entre mulheres poderia prejudicar as atletas, pois era visto como algo “abominável”.

Isso porque, como aponta Pisani (2018), a sexualidade lésbica e o corpo masculinizado se apresentavam como argumentos contrários a presença de mulheres jogando futebol. Mulheres como Bruna, Marília e mesmo as interlocutoras da época de Pisani (2018) optavam por manter seus relacionamentos em segredo. Já no que diz respeito as gerações atuais de atletas, recordo-me de momentos em que o oposto se fazia presente com elas. Lembro-me de uma vez em que eu e a psicóloga da equipe estávamos sentadas na beira do campo observando o treino. Na ocasião, fazia pouco tempo, cerca de dois ou três meses, que a psicóloga tinha sido contratada pela equipe. A *psi*, como é chamada pela equipe, é uma mulher jovem, cerca dos

vinte e cinco anos, cabelos longos e que performa uma feminilidade feminina. Notei que algumas meninas conversavam e olhavam para gente, até que se aproximaram de nós e disseram uma a outra “ela confunde meu radar”. Após o treino, comentei o caso com a treinadora e outras profissionais da equipe que riram e disseram que achavam que as meninas estavam especulando a sexualidade da *psi*, pois a minha seria um tanto quanto óbvia para elas. Bruna ainda concluiu dizendo que as meninas são terríveis e que se deve ignorar os assuntos.

Outras duas situações também marcaram meu dia a dia com as atletas. Certa vez, em um jogo importante da equipe sub 14, em um final de semana próximo ao Dia dos Namorados, as garotas brincavam entre elas que ninguém poderia comemorar a data, até que começaram a perguntar para as pessoas da comissão técnica quem iria para o jogo. Em um dado momento, as atletas se dirigiram a mim e perguntaram se eu iria para o jogo, eu disse que sim e elas continuaram, dizendo para eu levar minha namorada, seguindo com um “aliás, você namora?”. Um pouco surpresa pela pergunta, respondi a elas que namorava sim, uma mulher, mas que iria sozinha nesse jogo. Aproveitei a ocasião e perguntei se ela também namorava, o que a garota me respondeu dizendo, “não, ela me deixou”.

Falar sobre seus relacionamentos parecia algo comum a elas, em diversos momentos as atletas me contaram sobre suas relações amorosas de forma muito mais aberta do que as treinadoras. Em uma ocasião, a equipe sub 17 teria um jogo na cidade de São Paulo e, devido à pouca distância do CT, o EBI não ofereceria ônibus. Contudo, algumas atletas tinham dificuldade de chegar até o local porque moravam muito longe e eu, assim como algumas pessoas da comissão técnica, oferecemos carona a elas. No retorno do jogo, ouvi a conversa das meninas que falavam sobre relacionamentos, casais que teriam sido desfeitos e histórias de colegas de outros times. Em outra ocasião, estava sentada na beira do campo observando o treino e uma das atletas, que no dia estava lesionada, sentou ao meu lado para observar. Perguntei a ela sobre a sua lesão, ela me contou que havia torcido o pé e que o médico pediu para ela ficar 10 dias sem treinar. Disso começamos a falar de jogo, futebol e ela começou a me contar sobre sua vida, que estava em uma escola estadual no noturno, que vinha da zona leste de São Paulo e começou a desabafar sobre seu relacionamento com outra atleta. Ela dizia que era complicado, mas que ela era uma menina de *responso* e que sabia que tinha que ter cuidado pelo espaço que estava, pois a sua treinadora, Marília, era bem rígida.

Em um dos meus primeiros diálogos em campo, ouvi a história de uma atleta que havia sofrido uma lesão no joelho. O clube havia dito a ela que ela iria terminar a temporada jogando

pelo time e somente depois disso poderia se afastar para cuidar da lesão. Nesse dia, o treinador que me contava a história, dizia que trabalhar em clube profissional é assim, o seu corpo fica a disposição do próprio clube, que é quem decide a hora que você come, treina e descansa. Em um primeiro momento, esse foi um dos elementos que me chamou a atenção, mas após a realização de pesquisas junto a uma equipe de formação para o futebol de mulheres⁵, notei o controle que os clubes mais tradicionais acabam exercendo na maneira com que as meninas devem se portar.

Na época da minha Iniciação Científica, recordo de momentos em que a treinadora do clube dizia as meninas que elas precisavam renunciar às baladas e levar com seriedade os treinos e jogos. Essa seriedade exigia um esforço que estava vinculado a uma certa disciplina que as atletas de clube precisam ter, contrário ao que acontece no EBI. Apesar da instituição ser voltada a formação de atletas, o EBI possui um *lado social*, como dizem Marília e Bruna. Essa característica faz com que a instituição seja vista e descrita pelas treinadoras como um *projeto social*. Esse lugar de um espaço de desenvolvimento e formação esportiva junto a ideia da construção de um espaço *acolhedor* para meninas praticarem futebol se torna um obstáculo à exigência de certas posturas das meninas por parte das treinadoras. Assim como permite que nas brechas entre ser uma equipe que busca e almeja grandes competições, ao mesmo tempo que valoriza o social possam surgir as dissidências. Nesse sentido, alguns elementos chamam à atenção: a competitividade e como ela configura os espaços esportivos; as mudanças quanto aos entendimentos acerca de gênero e sexualidade parecem formar tensões nesse campo, produzindo até mesmo formas de contestação com atletas assumidamente LGBTQIA+s e que levantam as pautas comum ao movimento; e o espaço que o EBI busca construir enquanto um *projeto social* que tem como objetivo formar atletas.

A categoria de competitividade tem lugar importante para essas treinadoras. É ela que define os objetivos das equipes, ou seja, as turmas de formação para o esporte profissional são aquelas que, nas palavras das treinadoras, possuem uma *vivência competitiva* que tem como objetivo tornar as atletas prontas para o nível máximo de competição e para o alto rendimento. Em oposição, as equipes que são de aprendizagem do esporte estão mais longe dessa realidade competitiva, portanto, mais próximas de um amadorismo e do futebol enquanto lazer. Recordo-me de Marília cobrar de algumas atletas que elas descansassem e se cuidassem para os jogos,

⁵ Em 2022 eu iniciei uma pesquisa de Iniciação Científica sobre a formação de atletas no futebol de mulheres com a equipe de base de um clube paulista. Em 2023, comecei minha pesquisa de mestrado com treinadoras de futebol em uma instituição social voltada para a formação de atletas, que gerou esse trabalho.

o que era entendido por elas como uma necessidade de ficar em casa e evitar festas, passeios que pudessem atrapalhar. Esses tipos de cobranças eram sempre direcionadas às equipes de formação que, no CT, representavam as turmas mais competitivas. Contudo, em jogos do campeonato Paulista, em que essas equipes se deparavam com grandes clubes do estado, as diferenças eram evidentes. No que concerne a estrutura, algumas equipes de sub 14 chegavam com médicos, nutricionistas, fisioterapeutas, preparadores físicos e tinham em suas atletas uma vestimenta com um GPS embutido⁶.

A diferença de preparo físico era um tanto quanto considerável. As meninas de clubes considerados grandes de São Paulo pareciam mais fortes e mais velozes. Aliás, algumas das atletas que saíram do EBI e foram para clubes, quando voltavam para realizar algumas visitas as colegas e a comissão técnica, contavam como estava sendo a experiência jogando em um clube. Muitas delas ressaltavam como nesses lugares “não há moleza”⁷, pois o clube exige certos comportamentos das atletas. Uns dos exemplos que me contaram foi de uma vez que a garota e as colegas levaram chocolate para o Centro de Treinamento desse clube e que, na hora que foram comer, a preparadora física viu e chamou a atenção das atletas alegando que, por elas estarem competindo o campeonato Paulista não deveria comer doce, pois isso poderia comprometer a performance de jogo delas. As histórias que elas contavam sempre traziam um pouco desse lado da rigidez que se tinha nos clubes, comparados ao EBI. Contudo, aos meus olhos e aos da comissão técnica, era notável a mudança no que discerne ao corpo dessas meninas, geralmente, elas estavam mais fortes, *encorpadadas*, como dizem as treinadoras. Essa transição do EBI ao clube se torna uma fase de transformação em que as meninas se tornam efetivamente atletas, ao menos aos olhos das treinadoras e preparadoras físicas, e esse tornar-se atleta acompanha outros elementos que envolvem o se tornar mulher no futebol profissional.

As publicações nas redes sociais são controladas, muitas dessas meninas passam a ter empresários do esporte gerenciando suas carreiras, controlando publicações com textos ou mesmo imagens. Alguns clubes e empresários se quer permitem que as garotas façam visitas ao EBI, o que as treinadoras me contam como uma forma do clube atrelar a imagem da menina

⁶ Esse acessório se trata de um dispositivo colocado no top que consegue gerar informações da velocidade e regiões ocupadas no campo pela atleta.

⁷ Caderno de campo.

ao lugar, como se fosse *cria*⁸ de lá. Deve-se ressaltar, que muitas dessas meninas que tive contato são brancas e, algumas, de classe média alta.

Isto posto, recorro a Wagner Xavier Camargo (2014) em sua etnografia sobre jogos LGBTQI+. O autor resalta como, apesar da aparente masculinidade hegemônica estar presente no meio esportivo, foi possível notar o surgimento de uma outra masculinidade, que Camargo (2014) chama de “masculinidade queer” (CAMARGO, 2014: 55) e que produzem fissuras no meio. Essa masculinidade, segundo Camargo (2014), é resultante da intersecção de marcadores sociais da diferença como raça, classe social, geração e gênero. O que gostaria de sugerir aqui é que, no futebol de mulheres, outros elementos são consideráveis para pensar essas sexualidades dissidentes, como o nível de competitividade. Ao que notei em campo, quanto maior o nível de competitividade que essas meninas estão inseridas, maior a necessidade de se encaixar em normas ditadas, muitas vezes, pelos próprios clubes, como o cabelo liso ou preso por um coque, unhas feitas e uniformes mais justos. É exatamente por estar no processo de se tornar atleta que essas meninas parecem poder vivenciar a sexualidade no EBI. Muitas das atletas desabafavam com as treinadoras e professoras sobre problemas que tinham em casa com relação a sexualidade. Elas contavam que seus familiares eram preconceituosos e que chegavam a direcionar palavras de cunho homofóbico. Essas meninas não eram assumidas para os familiares e encontravam ali, no EBI, uma forma de vivenciar essa sexualidade e se sentirem aceitas.

Nesse sentido, não se trata aqui de pensar que não há disputas e embates acerca das sexualidades que se configuram nesse espaço. Por exemplo, algumas vezes ouvi entre as atletas o uso da linguagem neutra, mas quando se direcionavam as treinadoras, optavam pelo pronome feminino. Ao conversar com Bruna e Marília sobre o assunto, notei uma confusão quanto ao uso, sobretudo porque parecia ser a primeira vez que tinham se deparado com o tema. Ainda, o binarismo presente no esporte, dividindo arbitrariamente as modalidades em masculino e feminino, dificultam o entendimento e mesmo a possibilidade de se pensar pertencimentos nesse contexto. Assim, há que se considerar as mudanças no entendimento acerca da sexualidade no Brasil como um campo em constante transformação e mudança. Como argumenta Sérgio Carrara (2015), os direitos sexuais sofreram transformações ao longo das décadas que partiram, sobretudo, da necessidade da garantia de proteger juridicamente mulheres e meninas, consideradas mais vulneráveis (CARRARA, 2015). É a partir das lutas

⁸ A categoria *cria* se refere, no campo, aquele que é criado nas formações de base de um determinado clube.

contra a violência sexual que se afirma o debate contra a discriminação da orientação sexual. Dessa forma, o autor afirma o caráter heterogêneo e instável das políticas sexuais que articulam contextos históricos e sociais com diferentes regimes de sexualidade.

Atualmente, é comum ver atletas que se autodeclaram homossexuais, como o caso da jogadora Cristiane que é assumidamente casada com uma mulher e hoje possui um filho com sua companheira. A jogadora Formiga também mantém seu relacionamento público. Ainda, manifestações públicas de apoio são feitas pelas atletas, como a jogadora Katiuscia do SC Corinthians que após a conquista do Brasileirão em 2021 estendeu uma bandeira LGBTQIA+ nos gramados da Neo Química Arena. O ato gerou grande repercussão no meio esportivo e em entrevista, a atleta se posicionou em prol do movimento LGBTQIA+. Tais exemplos demonstram como o tema tem sido mais falado, e tem produzido tensões no campo esportivo, que hora tenta impor uma determinada feminilidade, mas se vê contrariado quando jogadoras assumem um lugar oposto.

Retornando as atletas e treinadoras do EBI, gostaria de pontuar como uma equipe majoritariamente composta por mulheres e LGBTQIA+ produz um lugar de acolhimento para essas sexualidades não hegemônicas. Quando as atletas comparavam suas vivências esportivas no EBI com outros lugares, diziam que gostavam de ter treinadoras porque se sentiam menos *pressionadas* quanto os resultados. No dia a dia, elas se sentavam e conversavam com as treinadoras, lembro até mesmo de um treino em que uma atleta se apresentava um pouco dispersa e, em um dado momento, começou a chorar. Estranhando a atitude da menina, uma das treinadoras, Barbara, auxiliar de Bruna na época, se aproximou e começou a conversar. Horas depois, Barbara retornou até nós rindo e disse “é dor de coração partido”. No caso, a atleta havia desabafado sobre uma decepção amorosa com outra menina, foi aconselhado a ela, que era nova, e que outros amores viriam.

Considerações Finais

Ao longo desse artigo busquei mostrar como a sexualidade tem sido um marcador importante para pensar geração entre treinadoras e atletas. Os embates acerca de como essas sexualidades são entendidas pelas treinadoras, como algo mais do privado, quase que em um lugar de segredo, e das atletas como algo mais público, ao menos falado, demonstra um espaço de tensão e disputa, não apenas geracional, mas dentro do esporte. De um lado, por mais que

as treinadoras se esforcem em acolher as meninas, é dito por elas como as atletas devem evitar a exposição, e assim, “se preservarem”. A postura de atleta, mais do que uma menina que leva os treinos a sério, é daquela que também opta por ser mais reservada e evitar festas.

Dessa forma, por mais que casos de homofobia ainda sejam presentes no esporte, é possível ver espaços que constroem lugares de aceitação e acolhimento. Contudo, esses espaços se colocam em um lugar menos competitivo, ao menos comparado aos clubes de base. Bruna quando afirma que a “homofobia não existe” não está dizendo que ela deixou de existir, mas sim que os casos de homofobia, e que aqui nomeio como as violências em torno da sexualidade, se caracterizam de forma diferente. Hoje, muitos clubes não proíbem que suas atletas sejam assumidamente LGBTQIA+, porém ainda exigem das atletas que mantenham os cabelos longos, façam as unhas, usem roupas consideradas adequadas às mulheres. Enfim, tornar-se atletas para essas meninas inclui tornar-se mulher dentro do que lhes é esperado, permitido e, em certo sentido, imposto.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Caroline Soares de. **Do sonho ao possível: Projeto e campo de possibilidades nas carreiras profissionais de futebolistas brasileiras**. 2018. 254 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CAMARGO, Wagner Xavier de. Considerações antropológicas sobre sexualidades e masculinidades no esporte. **Revista de Antropologia da UFSCar**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 41–62, 2014. DOI: 10.52426/rau.v6i1.111. Disponível em: <https://www.rau2.ufscar.br/index.php/rau/article/view/111>. Acesso em: 5 jul. 2024.

CAMARGO, Wagner Xavier de e KESSLER, Cláudia Samuel Kessler. Além do masculino/feminino: gênero, sexualidade, tecnologia e performance no esporte sob perspectiva crítica. *Horiz.antropol.*. 2017. Vol. 23(47):191-225. DOI: 10.1590/s0104-71832017000100007.

CARRARA, Sérgio. MORALIDADES, RACIONALIDADES E POLÍTICAS SEXUAIS NO BRASIL CONTEMPORÂNEO. *Mana*, v. 21, n. 2, p. 323–345, ago. 2015. <https://doi.org/10.1590/0104-93132015v21n2p323>.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

FARIA, Eliene L. Jogo de corpo, corpo do jogo: futebol e masculinidade. *Cadernos de Campo* (São Paulo - 1991), [S. l.], v. 18, n. 18, p. 65–86, 2009. DOI: 10.11606/issn.2316-9133.v18i18p65-86. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/45438>.. Acesso em: 17 abr. 2024.

GUEDES, Simoni L. “Subúrbio, celeiro de craques”. In: Roberto DaMatta (org.), *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Pinakotheke 1982.

GUEDES, Simoni L.. Que povo brasileiro no campo de futebol?. *Razón y Palabra*, v. 69, p. 45, 2009.

GUEDES, Simoni L. Sentidos, Significados e rede de relações em torno do futebol: exemplos analíticos. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt. (Orgs.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

HALBERSTAM, Jack. *Female Masculinity*. Duke University Press, 1998. *JSTOR*, <https://doi.org/10.2307/j.ctv11cwb00> Accessed 5 July 2024.

MANNHEIM, Karl. "O problema sociológico das gerações" In: Marialice M. Foracchi (org), *Karl Mannheim: Sociologia*, Tradução: Cláudio Marcondes. São Paulo, Ática, 1982.

MORAES ALVES, Andrea. Fronteiras da relação. Gênero, geração e a construção de relações afetivas e sexuais. **Sexualidad, Salud y Sociedad** - Revista Latinoamericana, 2009 (3),10-32.[fecha de Consulta 16 de Abril de 2023]. ISSN: . Recuperado de: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=293322974002>

PIRES, Barbara G. O legado das regulações esportivas. Diagnóstico e consentimento na elegibilidade da categoria feminina. **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, n. 35, p. 283–307, ago. 2020.

PISANI, Mariane da S. **'Sou feita de chuva, sol e barro': o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo**. 2018. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-11102018-110139/>>. Acesso em: 2 ago. 2021.

SILVA, Giovana Capucim e. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983)**. 2015. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/D.8.2015.tde-10092015-161946 . Acesso em: 2024-04-15.

SIMÕES, Julio A.. Gerações, mudanças e continuidades na experiência social da homossexualidade masculina e da epidemia de HIV-Aids. **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, n. 29, p. 313–339, maio 2018.

Campeã no Corinthians, Katiúscia define comunidade LGBTQ+: “Autonomia e liberdade”. Disponível em: <<https://istoe.com.br/campea-no-corinthians-katiuscia-define-comunidade-lgbt-autonomia-e-liberdade/>>. Acesso em: 5 jul. 2024.